

Raça e Gênero nas Ações de Extensão Universitária em uma Escola Pública na Amazônia

Race and Gender in University Extension Activities at a Public School in the Amazon



Lana Claudia Macedo da Silva¹



João Luiz da Silva Lopes²

Resumo:

O debate acerca das relações raciais e de gênero possui reconhecida importância para o exercício da cidadania e busca da equidade. A promoção dessa discussão no espaço escolar constitui a base para a formação social igualitária de meninas e meninos. A proposta em tela objetiva promover a reflexão, conscientização e prevenção à violência contra a mulher e o racismo, numa perspectiva crítica e reflexiva, a partir de um projeto de extensão da UEPA, realizado em 2023 com cinquenta (50) estudantes da Escola Parque Bolonha, área periférica de Belém, capital paraense. A produção de conhecimento acerca do tema é incipiente e pouco difundida, uma vez que a escola, enquanto instituição do Estado, muitas vezes naturaliza, reproduz os interesses, ideologias e valores das esferas de poder. Como procedimento metodológico, adotou-se oficinas e dinâmicas pedagógicas a partir de diferentes recursos de linguagem como o desenho, a colagem, a fotografia, jogo da memória, o *hip-hop* e a exibição de vídeos/documentários. A prática extensionista foi realizada em quatro encontros. Considera-se que os/as jovens estudantes se mostraram atenciosos e interessados na temática, que, não obstante o fato de parecerem cotidianas, carecem de debates qualificados para evitar a distorção e manipulação de conceitos científicos, prática usual na contemporaneidade. Para finalizar, conclui-se que promover espaços de educação, reflexão e criticidade às meninas e meninos em idade escolar é essencial para construção de caminhos e diálogos entre os gêneros e etnias, enquanto possibilidades de superação do machismo, do racismo, da violência, do silenciamento e da marginalização.

Palavras-chave: Amazônia; educação; escola pública; gênero; raça.

¹ Doutora em Ciências Sociais pela UFPA. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará, Especialização em Produção Familiar Rural e Ciências Sociais e Mestrado em Sociologia Geral pela Universidade Federal do Pará. É Professora Adjunta IV da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

² Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará, Especialista em Produção Familiar Rural e Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará/Museu Paraense Emílio Goeldi, mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Pará e doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFPA. Coordenou o Curso Técnico em Meio Ambiente da Fundação Centro de Referência em Educação Ambiental-Escola Bosque Prof. Eidorfe Moreira. Atua como professor efetivo na Rede Municipal de Ensino de Belém.

Abstract:

The debate on racial and gender relations holds recognized importance for the exercise of citizenship and the pursuit of equity. Promoting this discussion within the school environment is fundamental to the equal social development of girls and boys. This project aims to foster reflection, awareness, and the prevention of violence against women and racism through a critical and reflective perspective. It is based on a university extension project from UEPA, conducted in 2023 with fifty (50) students from Escola Parque Bolonha, located in a peripheral area of Belém, Pará's capital. The production of knowledge on this topic is still incipient and scarcely disseminated, as the school, being a state institution, often naturalizes and reproduces the interests, ideologies, and values of dominant power structures. The methodological approach involved workshops and pedagogical activities using various language resources such as drawing, collage, photography, memory games, hip-hop, and the screening of videos/documentaries. The extension activities took place over four sessions. The students showed attention and interest in the subject, which, despite appearing commonplace, requires qualified debates to prevent the distortion and manipulation of scientific concepts, a common practice in contemporary society. In conclusion, creating educational spaces for reflection and critical thinking for school-aged girls and boys is essential for building paths and dialogues between genders and ethnicities, offering possibilities to overcome sexism, racism, violence, silence, and marginalization.

Keywords: Amazon; education; public school; gender; race.

1 Introdução

Nas duas últimas décadas há uma produção acadêmica significativa sobre os marcadores sociais de gênero e raça. A historiografia brasileira passou a denunciar a condição aviltante em que a população negra foi inserida na sociedade brasileira após o longo processo de abolição da escravatura, constituindo a base da pirâmide social. No topo dessa estratificação encontram-se os homens brancos, herdeiros dos senhores de engenho da colonização (Gonzales, 1983; Carneiro, 2011; Carvalho, 2017; Ribeiro, 2017, 2018; Hooks, 2019; Davis, 2017; Munanga, 1999).

A igualdade de gênero está presente nos discursos oficiais desde 1984, ano em que foi ratificada a Resolução 34/180 da Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU). E, a Lei 10.639, sancionada em 09 de janeiro de 2003, durante o governo de Luís Inácio Lula da Silva, torna obrigatória a abordagem de conteúdos da cultura africana e afro-brasileira na educação básica. Ambas são exemplos de políticas produto de lutas históricas dos movimentos sociais e surgem no intuito de combater o machismo e o racismo na sociedade, objetivando alcançar a transformação social, tendo a educação como caminho norteador.

Ressalta-se que os organismos nacionais e internacionais tem, incisivamente, denunciado o aumento da violência contra as mulheres durante a pandemia. De acordo com o Mapa da Violência de 2015, o Brasil é o quinto país que mais mata mulheres no mundo, apenas El Salvador, Colômbia, Guatemala e Rússia são mais letais em um grupo de 83 nações estudadas. Sendo os maridos e companheiros responsáveis por 50,7% das agressões (Waiselfisz, 2015).

Dados do relatório da Anistia Internacional de 2022/23 apontam que as mulheres negras representam 62% das vítimas de feminicídio no Brasil. A violação aos direitos humanos da população negra aparece ainda em outros pontos do relatório, sinalizando que “o fracasso histórico do Estado em enfrentar o racismo estrutural continuou a fazer com que os povos indígenas e as pessoas afrodescendentes fossem desproporcionalmente afetadas por ações e medidas institucionais equivocadas” (p.78). Para Andrade et al (2023, p. 286), “[...] os dados sobre desigualdade social no país apontam para a urgência de um grande pacto social para superação dessa mazela”.

Assim, promover espaços de educação e reflexão às meninas e meninos em idade escolar é, ao nosso ver, uma possibilidade de superação do machismo, do racismo, da violência, do silenciamento e da marginalização, procurando caminhos em busca da construção de diálogos entre os gêneros, sobretudo no contexto de discursos ultraconservadores. É urgente que ambos os gêneros estejam diretamente envolvidos e participando ativamente em todas as fases de resposta e tomadas de decisão. Como salienta a escritora nigeriana Adichie (2019), é preciso contar a história dos excluídos, dos invisíveis, daqueles que se encontram à margem da sociedade.

Segundo Bassalo (2010), a produção de conhecimento sobre o tema relativo às relações de gênero é incipiente e pouco difundida, uma vez que a escola, enquanto instituição do Estado, reproduz os interesses, ideologias e valores das esferas de poder. Por outro lado, essa mesma escola “é o lugar da produção de sentidos, de reflexão, de crítica às normas sociais instituídas e de elaboração de práticas e modos de ser, de formulação de discursos sobre algo” (Bassalo, 2010, p. 145).

Nesse sentido, esse relato de experiência cumpre uma diretriz do tripé universitário, sendo fomentado pela Pró-reitoria de extensão em edital interno da instituição. Ao mesmo tempo, a proposta promove a reflexão, conscientização e prevenção à violência contra a mulher e ao racismo, temáticas sociais emergentes na sociedade, porém que ainda encontram muita resistência no espaço escolar, sobretudo ao propor novas perspectivas de relações entre mulheres e homens, baseadas na promoção da emancipação, empoderamento e cidadania dos sujeitos sociais.

2 A Extensão universitária enquanto processo educativo

No âmbito deste projeto, considera-se a extensão universitária como um processo educativo que promove a relação dialógica e transformadora entre a universidade e a sociedade. Para tanto, o percurso metodológico adotado possui caráter essencialmente qualitativo, pois considera a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real, objetivo, concreto e o sujeito, portanto, uma conexão entre a realidade e o homem, entre a objetividade e a subjetividade:

Há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (Chizzotti, 2000, p. 34).

Ademais, adota o enfoque no materialismo histórico-dialético enquanto abordagem possível de interpretação da realidade educacional, buscando compreender, numa perspectiva crítica, através das transformações históricas e sociais, a realidade social em que vivemos (Marx, 2002). Este instrumento de reflexão teórico-prática permite que a realidade educacional aparente seja, pelos educadores, problematizada e superada, buscando-se, então, a realidade educacional concreta, pensada, compreendida em seus mais diversos e contraditórios aspectos.

3 Percurso metodológico

O objetivo da atividade foi proporcionar um espaço educativo aos estudantes do 5º ano da Escola Municipal Parque Bolonha, localizada em Ananindeua, Pará, para que eles pudessem refletir sobre o tema do racismo e das relações de desigualdades entre mulheres e homens em suas relações cotidianas. Para desenvolver a atividade, foram adotadas diferentes técnicas interventivas por meio de desenho, música, vídeos, jogo da memória e atividade lúdica, com a intenção de proporcionar o interesse e participação dos/as adolescentes.

Antes de iniciar as atividades na escola, porém, houve reuniões periódicas com a equipe extensionista para facilitar a interação entre o grupo de estudantes de diferentes cursos de graduação (pedagogia, ciências sociais e geografia), bem como a socialização de referências bibliográficas que subsidiaram a construção da proposta. Em seguida, debate sobre os temas geradores e, posteriormente, a construção coletiva dos materiais sócio-pedagógicos a serem adotados no decorrer dos encontros. Para essa última etapa de preparação, a equipe foi subdividida em dois grupos responsáveis por pesquisar atividades de acordo com a faixa etária e ano escolar do público atendido, visando a facilitação e promoção dos temas.

A estratégia metodológica adotada deu-se a partir da construção de um roteiro inspirado nos temas geradores (gênero e raça) e direcionado ao público de 50 estudantes do 5º ano, fundamentado no método dialético, pois a dialética “valoriza a contradição dinâmica do fato observado e a atividade criadora do sujeito que observa, as oposições contraditórias entre o todo e a parte e os vínculos do saber e do agir com a vida social dos homens” (Chizzotti, 1979, p. 80).

Outrossim, esse caminho metodológico possui caráter essencialmente qualitativo, pois considera a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real, objetivo, concreto e o sujeito: portanto, uma conexão entre a realidade e o homem, entre a objetividade e a subjetividade. Para construção da atividade, será realizado um estudo bibliográfico sobre as obras aqui apresentadas, visando subsidiar a intervenção.

No âmbito deste projeto, “educação” é compreendida como processo dinâmico

e abrangente, inerente ao desenvolvimento da pessoa enquanto constituição do sujeito. Há um inevitável processo de socialização no qual o indivíduo toma consciência de si e dos outros, viabilizando seu desenvolvimento pessoal e sua inserção em determinada sociedade, que se concretiza através de práticas educativas diversificadas. Portanto, trata-se de uma consciência situada historicamente e enraizada no mundo, como afirma Paulo Freire: “As consciências não se encontram no vazio de si mesmas, pois a consciência é sempre, radicalmente, consciência do mundo” (Freire, 2011).

O projeto ocorreu no mês de agosto e setembro de 2023, atendendo, aproximadamente, 50 estudantes do 5º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Parque Bolonha, localizada em um bairro periférico da cidade de Ananindeua, que integra a região Metropolitana de Belém.

A criação da Unidade Parque Bolonha ocorreu em 2014 para atender a demanda da comunidade Águas Lindas, pois havia um número elevado de crianças que não tinha acesso à escola. Atualmente, a escola funciona em quatro turnos, sendo ensino fundamental e Educação de Jovens, Adultos e Idosos/ EJAII. Possui 09 (nove) salas de aula, além de biblioteca, sala de leitura, quadra de esporte, sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), refeitório, copa, secretaria, sala da coordenação e sala dos professores.

O projeto de extensão foi bem recebido pela equipe escolar, viabilizando todo o suporte material disponível no espaço escolar, como sala de aula, data show, caixa amplificadora e microfone. A maior parte das atividades foram desenvolvidas em sala de aula, todavia, em alguns momentos, também se utilizou a biblioteca e o refeitório.

4 Hip-hop, cartografia corporal, vídeos e o jogo da memória como estratégias extensionistas na escola

As atividades interventivas foram divididas em quatro momentos. No primeiro, realizou-se um diagnóstico sobre a representação dos alunos em relação às desigualdades sociais, questões étnicas e de gênero que vivenciam. Os

adolescentes foram estimulados a elaboração de uma adaptação da técnica de mapas corporais em uma folha de papel em branco. Todos os alunos aceitaram participar da atividade, alguns desenhos ocupavam toda a folha A4 que lhes foi entregue, outros eram menores, alguns pintaram seus bonecos, outros deixaram sem cor, teve também quem escolhesse colorir os desenhos. Um aluno mostrou suas habilidades artísticas com desenhos de personagens de contos infantis. Outro desenhou uma casa na beira do rio, cercada de palmeiras, uma casa ribeirinha. Uma das alunas mostrou seu desenho onde uma figura feminina está cercada de gatos.

Em seguida, os alunos foram estimulados a desenhar objetos que representassem seus familiares. A ideia era a representação de algo de valor afetivo deles. Diversos objetos surgiram em cena: ônibus, arma, panela, violão, coração, flores, bolsa, árvore, máquina de costura, estetoscópio, terço, martelo, fone de ouvido, coroa.

Essa atividade permitiu que a equipe extensionista pudesse compreender, ainda que parcialmente, a situação socioeconômica dos estudantes da Escola Parque Bolonha. Grande parte dos desenhos representavam as mães e pais de alunos e alunas e, em grande maioria, estavam relacionados às suas respectivas profissões e ocupações. Há uma notória divisão sexual do trabalho, de maneira que homens ocupavam funções como: mestres de obras, policial, motorista de ônibus, pedreiros, agentes de segurança privada. E as mães estiveram representadas como: cozinheiras, costureiras e donas de casa. Mãe, pai e avós foram as figuras mais presentes nos desenhos, revelando o vínculo afetivo.

Ao final da atividade, houve a interpretação dos desenhos, estimulando os alunos a refletirem sobre diversidade humana, colorismo e gênero, ressaltando a importância do respeito e garantia de direitos sociais. Notou-se que, ao abordar a temática étnico-racial, não houve divergência sobre a igualdade de direitos para todos os cidadãos. Contudo, a abordagem acerca das relações de gênero gerou zombaria em sala de aula, após um dos alunos levantar a mão à pergunta: quem aqui se reconhece como menina? Nesse momento, o extensionista interveio, problematizando a situação e pontuando o respeito à diversidade sexual. A situação rapidamente foi contornada.

Para finalizar as atividades do primeiro dia, adotou-se o uso da linguagem do *freestyle*³, popularmente conhecido como RAP (Ritmo e Poesia). Esse método mescla arte e educação como forma de metodologia não tradicional, permitindo a problematização das questões interraciais e de gênero, ao mesmo tempo em que promove visibilidade a esse gênero musical marginalizado, facilitando a aproximação com os sujeitos da periferia.

No segundo encontro, foi desenvolvida a dinâmica dos temas geradores. Em uma urna fechada, foram alocadas oito palavras geradoras: machismo, racismo, homofobia, cidadania, família, educação, umbanda e amor. A medida em que cada uma ia sendo sorteada pelos alunos/as, eles eram levados a explicitar suas concepções e refletir e ampliar suas leituras de mundo. Observou-se que a palavra homofobia foi a que eles apresentaram mais dificuldades de compreensão. Por outro lado, racismo e machismo foram confundidos por alguns adolescentes. Alguns ainda questionaram a visão ampliada de família, por terem como modelo a família patriarcal composta por pai, mãe e filhos.

Ao tratar a questão do machismo, uma palavra escrita na parede da sala de aula chama atenção: “Amanda rodada”. A equipe extensionista aproveitou a oportunidade para problematizar a expressão, tendo por embasamento teórico as leituras de Scott (1995), Beauvoir (1985), Saffioti (2004) e Louro (2003). As autoras denunciam as relações de gênero enquanto instâncias de poder e hierarquização do gênero masculino sobre o feminino.

O conceito adotado pela historiadora estadunidense, Joan Scott, rejeita o determinismo biológico e considera o gênero como “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (Scott, 1995, p. 7). Dessa forma, gênero não se limita a uma palavra para a substituição de sexo biológico, sendo, portanto, a manifestação das relações sociais enraizadas na cultura humana. E, por conta desta diferenciação de corpos femininos e corpos masculinos, construiu-se funções sociais atribuídas a mulheres e homens, com regras e normatizações sociais. Portanto, esta perspectiva de papéis sexuais evidencia as contradições e as relações de poder implícitas na

³ Gênero musical nascido na periferia dos Estados Unidos na década de 1980.

sociedade. Esse debate é fundamental para denunciar as desigualdades de gênero.

Embora a socióloga Saffioti (2004) faça críticas ao conceito, ela utiliza o mesmo relacionando-o às questões de raça e classe. Para a autora, as faces desse poder são representadas pela potência e a impotência. As mulheres são socializadas para conviver com a impotência e os homens são vinculados à força e potência, isto é, são preparados ou educados para exercer o poder em suas diferentes dimensões. A coisificação da mulher, considerada como objeto para satisfação sexual do homem, alimenta a relação de opressão e exploração feminina. Assim, a rua, o trabalho, o espaço público, são pensados como masculinos sendo associados à virilidade, força e liberdade, por outro lado, o feminino, a casa, tem sido socializado para a docilidade, fragilidade e medo.

Partindo desse alicerce teórico, a equipe extensionista propôs a problematização da expressão “Amanda rodada”. Por que homens com muitas mulheres são considerados “garanhões”, sendo socialmente aceitos e valorizados? E, ao contrário, mulheres com muitos homens são “rodadas”? Quais as implicações sociais dessa concepção de gênero? Para surpresa da equipe, não houve resistência explícita ao debate das diferenças sociais entre mulheres e homens, ao contrário, a turma silenciou.

Os dois primeiros encontros tiveram em comum o fato de que, ao fim das atividades, a equipe promoveu como dinâmica a utilização do *freestyle*, que consiste no manejo das técnicas do RAP, para performar rimas e ensinar de forma a respeitar as particularidades de cada pessoa. A utilização desta prática de ensino se desdobrou tranquilamente, por ser uma expressão artística social que nasce em periferia e estar sendo utilizada neste espaço; com efeito, a dinâmica não apenas afixou eficazmente os conhecimentos nos alunos, mas também os integrou a uma atividade lúdica de caráter emancipatório.

No terceiro momento, trabalhou-se exclusivamente a temática de gênero e a violência contra a mulher. Inicialmente, adotou-se a estratégia socio-pedagógica do jogo da memória sobre gênero e raça. Consiste em uma estratégia elaborada pela equipe extensionista para promover o debate sobre os temas geradores. As cartas do jogo versam sobre a Lei Maria da Penha, violência física contra a mulher,

violência psicológica contra a mulher, violência patrimonial contra a mulher, lei do feminicídio, patriarcado, a desigualdade de gênero no mercado de trabalho, abuso sexual infanto-juvenil, entre outras abordagens direcionadas ao debate sobre a equidade de gênero na sociedade. Também foram adotadas cartas sobre a questão étnico racial: conceito de racismo, racismo estrutural, índices de racismo na sociedade brasileira, racismo religioso, entre outros.

O jogo despertou a curiosidade dos alunos, ao mesmo tempo em que possibilitou abordar esses temas de forma lúdica. Diversos estudantes narraram suas experiências familiares. Apesar da pouca idade, mostraram ser conhecedores das formas de violência física e psicológica, previstas na Lei Maria da Penha.

Imagem 01: Cartografia corporal



Fonte: Silva, 2023.

Imagem 02: Jogo da Memória



Fonte: Silva, 2023.

Em seguida, foi exibido um vídeo educativo chamado “Projeto Ohana: Combate à violência doméstica e alienação parental”. O material foi desenvolvido pelo Ministério Público do Estado do Maranhão e discute o tema da violência doméstica e alienação parental. O curta metragem aborda o tema de maneira objetiva e acessível à todas as idades. As imagens são trabalhadas por meio de desenho animado, facilitando a dinâmica com crianças e adolescentes. O conteúdo abordado no vídeo tipifica os cinco tipos de violência contra a mulher: sexual, psicológica, patrimonial, física e moral, previstos na Lei Maria da Penha (LMP).

Ao final desse encontro, foi sugerido que eles desenhassem suas respectivas famílias. A dinâmica evidenciou os conflitos familiares existentes naquele grupo, pois alguns se recusaram a desenhar, outros alegaram não saber nome da mãe ou do

pai, outros ainda fizeram desenhos com personagens sombrios representando mãe e pai, o que despertou preocupação por parte da equipe, levando a situação até o professor. De acordo com o mesmo, os conflitos decorrem do abandono dos pais, pois muitos alunos/as são criados unicamente pela genitora e/ou avó materna.

O quarto e último momento foi centrado na temática do racismo a partir de três atividades principais. Sendo a primeira, a apresentação de um vídeo educativo para estimular o debate racial. Em seguida, houve nova utilização do *freestyle*. As rimas tiveram nova contribuição do extensionista e arte-educador “Carapana”, mas, desta vez, com a participação de outros dois artistas, Jordan (Cascão Mc) e Deyvison (Peppy Mc). Assim como no primeiro momento, o uso dessa ferramenta aproximou os alunos da temática proposta ao torná-la significativa, posto que a linguagem utilizada e a abordagem fossem acessíveis, conforme expressa as rimas abaixo:

Por que é importante falar de racismo na escola?
Sabe por que é importante?
Oh tio, o rap é de repente...
A gente vem aqui pra poder abrir a mente, abrir é a mente
Esse que é o papo,
Porque o rap é peça chave pra abrir o cadeado
A gente tem que falar aqui pra poder mudar,
Poder conscientizar,
Talvez um amigo, talvez um irmão,
Alguém da família talvez chame de “macaco”
Só que você tem que chegar e mandar é o papo
Onde você fala: aqui não é só beleza, é africana
Onde eu vou abrir a mente
E quebrar toda essa corrente... (Cascão MC, 2023).

Por que é importante falar de racismo na escola? Existe racismo na escola? Essas foram as perguntas geradoras do RAP. A partir delas, não somente os MCs participaram com o improviso, mas também o público que assistia à ação: alunos/as, professores/as, servidores/as. A atividade aconteceu no espaço do refeitório, permitindo agregar maior número de pessoas. O RAP, portanto, foi um catalisador do processo de ensino-aprendizagem, pois grande parte dos ouvintes presentes eram consumidores deste gênero musical. Este processo levou em consideração a expressão artística e a aplicação socio-poética de ensino, tendo o corpo como

ferramenta didática e cognitiva, além de considerar a oratória como ferramenta indispensável nesse processo.

Desta forma, os sujeitos aos quais se endereçou a dinâmica foram instigados a cumprir um papel ativo e assertivamente crítico em relação às questões abordadas, fato este que lhes permitiu problematizar importantes questões raciais e de gênero: falas, gestos, comportamentos racistas (e também sexistas), outrora naturalizados, passaram a ser questionados e debatidos pelos próprios participantes. Por último, a turma foi conduzida à sala de aula para o encerramento do projeto, que consistiu em agradecimentos e entrega de brindes aos alunos.

Dito tudo isto, as atividades realizadas pelo projeto possibilitaram formas aplicacionais de ensino-aprendizagem que levassem em consideração a subjetividade de cada aluno e aluna, mostrando as potencialidades dentro daquele coletivo em sala de aula; e, no que pese não ser a pesquisa o escopo do presente trabalho, as conclusões socioeconômicas, socioespaciais etc. obtidas podem servir a futuros projetos de pesquisa.

5 Considerações Finais

O projeto foi direcionado para estudantes do 5º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Parque Bolonha de Águas Lindas, município de Belém, Pará. O projeto promoveu espaços de educação, reflexão e criticidade às meninas e meninos em idade escolar, enquanto possibilidade de superação do machismo, do racismo, da violência, do silenciamento e da marginalização, buscando caminhos em busca da construção de diálogos entre os gêneros. O projeto, a seu fim, mostrou-se fundamental, não apenas no referente ao entendimento acerca de suas temáticas centrais (raça e gênero), mas também nas pluralidades de ensino-aprendizagem dentro do processo educacional, que possibilitaram outras formas didáticas para assuntos já abordados.

A metodologia adotada foi através de dinâmicas sócio pedagógicas (dinâmica da urna e jogo da memória); vídeos de curta-metragem para debater o combate ao machismo e racismo; e, por fim, a dinâmica da utilização do *freestyle*, que consiste

no manejo das técnicas do RAP (Ritmo e Poesia), para performar rimas e ensinar de forma a respeitar as particularidades de cada pessoa. Se antes alguns alunos e alunas não falavam sobre os temas, no desenvolver do processo, esses alunos se mostraram mais confortáveis para falar quando algum amigo ou amiga em sala de aula fazia “brincadeiras” de teor racista ou machista, seguido de conversa com a turma, emancipação da situação de forma possível e conscientização para mudança de hábitos.

Desse modo, compreende-se que o debate sobre gênero e raça é tarefa da escola, de professores e pesquisadores comprometidos com a formação de sujeitos críticos e reflexivos, capazes de construir novas formas de sociabilidade, ancoradas na pluralidade e no respeito mútuo, bases para a construção de uma sociedade livre das opressões sociais.

Referências

- ADICHIE, C. N. *O perigo de uma história única*. 1ª ed. Companhia das Letras, 2019.
- ANDRADE, T. do S. C. et al. O Livro Didático de Sociologia e o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira. IN: *Educação, Tecnologia e Inclusão: Valorização do aluno e trabalho pedagógico*. Simone Helen Drummond Ischkalnian et al. (Orgs.). Itapiranga: Schreiber, 2023.
- ANISTIA Internacional – Informe 2022/23: O estado dos Direitos Humanos no Mundo. Londres, Reino Unido, 2023.
- BEAUVOIR, S. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CARNEIRO, S. *Racismo, sexismo e desigualdades no Brasil*. São Paulo: selo negro, 2011.
- CARVALHO, M. E. et al. *Direitos humanos das mulheres e das pessoas LGBTQI: inclusão da perspectiva da diversidade sexual e de gênero na educação e na formação docente*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.
- DAVIS, Â. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 50ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Ciências Sociais Hoje*, n. 2, p. 223-244, 1983.

HOOKS, B. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. 8ª edição. Rosa dos tempos. Rio de Janeiro, 2019.

LOURO, G. L. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MARX, K. *O Capital: crítica da economia política* (vols. 1 e 2). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2002.

MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Editora Letramento. Belo Horizonte, 2017.

_____. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das letras, 2018.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.20, n.2, p. 71-99, 1995.

SAFFIOTI, H. I. B. A realidade nua e crua. *Gênero, Patriarcado, Violência*. São Paulo, 1ª edição. Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SILVA, L. C. M. da; BARRADAS, L. da C.; SANTOS, R. S. A. dos. Mulher Romântica Versus Homem Ignorante: Relato de Experiência Extensionista em uma Escola Pública na Amazônia, Brasil. IN: *Ensino, Pesquisa e Extensão: uma abordagem pluralista*. Walmir Fernandes Pereira (Org.). – Piracanjuba-GO, 2022.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil*. 1ª Edição. Brasília – DF – 2015.

Submetido: 17 set. 2024

Aprovado: 29 jun. 2025